

## Articulação temporal e essência narrativa: o jornalismo para além do tempo presente

## Temporal articulation and narrative essence: journalism beyond the present time

**ANA REGINA REGO**

Profa. PPGCOM-UFPI. Coordenadora do Projeto Memória do Jornalismo Piauiense. Coordenadora do NUJOC-PPGCOM-UFPI, Teresina, Piauí, Brasil. Presidenta da Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia-ALCAR. Presidenta da Federação Brasileira das Associações Científicas e Acadêmicas da Comunicação-SOCICOM. E-mail: anareginarego@gmail.com. ORCID: 0000-0002-0915-8715.

Edição v. 37  
número 3 / 2018

Contracampo e-ISSN 2238-2577  
Niterói (RJ), 37 (3)  
dez/2018-mar/2019

A Revista Contracampo é uma revista eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense e tem como objetivo contribuir para a reflexão crítica em torno do campo midiático, atuando como espaço de circulação da pesquisa e do pensamento acadêmico.

AO CITAR ESTE ARTIGO, UTILIZE A SEGUINTE REFERÊNCIA:

REGO, Ana Regina. Articulação temporal e essência narrativa: o jornalismo para além do tempo presente. Contracampo, Niterói, v. 37, n. 03, p. 149-168, dez. 2018/ mar. 2019.

Enviado em 26 de março de 2018 / Aceito em 22 de outubro de 2018

DOI – <http://dx.doi.org/10.22409/contracampo.v37i3.1127>

## Resumo<sup>1,2</sup>

Este artigo apresenta reflexões iniciais sobre a essência do tempo no jornalismo, a partir de ponderações apoiadas na filosofia de Husserl, Heidegger, Arendt e Ricoeur, e ainda tendo como aporte fundamental as especulações de Koselleck, Gadamer e Hartog no campo da história, mas, sobretudo, na observação dos usos que o jornalismo faz do tempo em sua narrativa. A intenção é mostrar que o tempo prioritário do jornalismo não é mais o presente. O exercício interpretativo realizado nas narrativas sobre o *impeachment* da Presidenta Dilma Rousseff no jornal *O Globo*, aponta para uma nova articulação temporal no jornalismo do século XXI em que o presente não é mais o protagonista, e sim o futuro, que surge como horizonte de uma busca incessante.

### Palavras-chave

Tempo; Presente; Futuro; Jornalismo; Narrativa.

## Abstract

This paper presents some initial reflections on the essence of time in journalism, based on considerations based on the philosophy of Husserl, Heidegger, Arendt and Ricoeur, and having as a fundamental contribution the speculations of Koselleck, Gadamer and Hartog in the field of history, in the observation, of the uses that journalism makes of the time in its narrative. The intention is to show that the priority time of journalism is no longer the present. The interpretive exercise based on the narratives about the impeachment of President Dilma Rousseff in the newspaper *O Globo*, points to a new temporal articulation in 21st century journalism, in which the present is no longer the protagonist but the future, which appears as the horizon of an incessant search.

### Keywords

Time; Present; Future; Journalism; Narrative.

---

<sup>1</sup> Versão reduzida e concernente à parte teórica-filosófica deste artigo foi apresentada no VI Encontro Nacional dos Grupos de Pesquisa em Historicidade dos Processos Comunicacionais na UFRB em setembro de 2017.

<sup>2</sup> Agradecimentos especiais para Marialva Barbosa pelas contribuições e parcerias.

## Introdução

A relação do jornalismo com o tempo define, em essência<sup>3</sup>, a atividade jornalística, não apenas pela sua intrínseca articulação com a questão da narrativa, instaurando os múltiplos tempos na ação de contar uma história – o tempo contado, o tempo levado para contar e o tempo apropriado que passa a figurar no mundo (RICOEUR, 1994) –, mas porque a própria ideia de jornalismo é dependente das lógicas das articulações temporais.

Desde o início dos anos 2000, alguns pesquisadores vêm se dedicando a explorar de maneira mais complexa a relação do jornalismo com as aporias das temporalidades (FRANCISCATO, 2005; ANTUNES, 2007; MATHEUS, 2010; RÊGO, 2014; por exemplo). O vínculo com o passado e com a perspectiva histórica também tem sido objeto de reflexões que enunciam uma dupla articulação temporal nas narrativas jornalísticas: ao mesmo tempo em que incessantemente atualizam o tempo, evocam com destaque o passado, fazendo diversos usos desses tempos idos (BARBOSA, 2009 e 2017).

Numa dimensão que coloca em proeminência os pressupostos historiográficos, é quase obrigatório pensar essas questões levando-se em conta as processualidades observadas em territórios culturais específicos, em toda a sua complexidade e especificidades decorrentes de configurações históricas peculiares.

No caso brasileiro, o jornalismo se constituiu como instância discursiva legitimada para contar o mundo a partir de pressupostos que entrelaçaram o campo político e literário; e sua autonomização profissional, num lento processo que se desenrolou ao longo do século XX, se deu exatamente a partir da constituição de uma discursividade própria, cujas premissas se fizeram a partir da sua autonomização em relação a esses dois campos (BARBOSA, 2007 e RIBEIRO, 2007).

Além dessa constatação, há que se referir aos vínculos atávicos que o jornalismo brasileiro sempre guardou com o campo político, não querendo assumir o papel de “olho vigilante”<sup>4</sup> em relação ao poder – papel esse importante e decisivo para conformação jornalística norte-americana, por exemplo –, estreitando, ao longo do tempo, seus vínculos, muitas vezes de maneira escusa, com a política. Assumindo papéis importantes e determinantes na história política do país (como, por exemplo, no episódio que culminou com o suicídio do Presidente

---

<sup>3</sup> *Essência* compreendida no escopo da Fenomenologia, antes, porém a partir da ontologia platoniana em que a essência é tanto o que impede que tudo na linguagem seja invenção, como também, a constatação de que toda essência possui um ponto de partida linguístico (Platão *apud* Ricoeur, 2014, p.10-18).

<sup>4</sup> Numa alusão a denominação que Habermas adota para o jornalismo em relação à esfera pública burguesa (HABERMAS, 1984).

Vargas; na aceitação pacífica e, mais do que isso, muitas vezes parceira ou silenciosa em relação aos desmandos durante a ditadura civil-militar; no apoio incondicional da chamada grande mídia ao *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, apenas para citar alguns momentos), o jornalismo no Brasil caracteriza-se por estar atrelado aos liames do chamado pensamento conservador que domina o cenário institucional e ideológico desde os anos de 1920. Esse pensamento, herança do autoritarismo europeu com nuances de ampliação do escopo reacionário em função da própria historicidade do país que naturalizou, durante séculos, por exemplo, o processo de escravização humana, domina a configuração midiática, mesmo nos cenários mais contemporâneos nos quais a sensação de pluralidade de ideias se instaura, sobretudo, diante da promessa das novas mídias e plataformas que emergem nos ambientes digitais.

Por outro lado, a autonomização em relação à literatura – indispensável na configuração de um discurso que buscava referencialidade em relação às verdades do mundo e que deveria conter, portanto, uma narratividade que espelhasse esse mundo real e único para o público – foi a pedra de toque do chamado processo de modernização, num longo movimento que se iniciou no começo do século XX e teve o seu momento emblema na década de 1950.

As transformações por que passa o jornalismo no século XXI, rotuladas por alguns autores como crise do jornalismo, causada pela perda do domínio sobre a produção de registros sobre o que se passa no mundo, são tributárias do desmantelamento da marcação do tempo nas suas narrativas. Nesse cenário, a inclusão de notícias ligeiras, em contraposição às grandes reportagens, causa uma irreparável incerteza em relação ao gênero que foi considerado modelo e síntese da atuação jornalística (BERGAMO, 2011; MORAES, 2017), produzindo reconfigurações nas identidades jornalísticas.

Há que se ter em mente também o embaralhamento de fronteiras entre opinião e informação no jornalismo contemporâneo, próprio de uma época em que o desejo de opinião se contrapõe ao mito da imparcialidade do jornalismo. Mesmo com este diagnóstico, podemos dizer que o modelo de jornalismo projetado socialmente como uma instituição constituidora da modernidade há mais de um século guarda em si valores iluministas de serviço ao público enquanto lugar de fala e de potente *empoderamento* e visibilidade, como também guarda uma formatação positivista, enquanto lugar de um discurso cientificamente orientado. Nesse processo, a pretensão de serviço público na oferta de informações de qualidade funciona como componente da essência da noticiabilidade que nem sempre é atendida, visto que os interesses do público ou dos particulares efetivamente são os que interferem, com maior frequência, na factibilidade da construção da notícia.

O momento ao qual nos referimos acima como sendo dos primeiros passos do jornalismo contemporâneo coincide com os primeiros anos do século XX em que presentismo<sup>5</sup> e futurismo<sup>6</sup> se tornaram aliados (HARTOG, 2015, p.140), a partir do *Manifesto futurista* de Marinetti em 1909, que, em certo sentido, propôs a transposição do futurismo ao presentismo. “O Tempo e o Espaço morreram ontem. Vivemos já no Absoluto, pois já criamos a eterna velocidade onipresente” (MARINETTI *apud* HARTOG, 2015, p.141). Nesse panorama, como chama atenção Hartog, “o presente encontra-se ‘futurizado’, ou não há mais senão presente”; então, se o século XX começou futurista e esse futurismo tinha a pretensão de manter o regime moderno de historicidade, tornando-o o “único horizonte temporal”, terminou, na visão de Hartog, muito mais presentista, um “presente aparentemente tão seguro de si e dominador”; portanto, foi o presente o modelador da modernidade.

Criado nesse contexto como instituição basilar da modernidade, o jornalismo moderno se constituiu, principalmente, a nosso ver, de dois regimes: temporalidade e verdade, guiando as suas práticas e implicando na apropriação de figuras de historicidade. Neste escopo, este trabalho pretende abordar os jogos e os usos utilitários que o jornalismo faz do tempo e as transformações que parecem surgir nessa relação.

A nossa hipótese parte da suspeita de que o tempo primevo do jornalismo não é mais o presente. Em verdade, pensamos que de fato nunca o foi, enquanto ilusão de duração temporal, visto que conforme esclarece Benveniste (*apud* HARTOG, 2015, p. 142) etimologicamente presente significa “o que está a minha frente”, logo o presente é o iminente. Portanto, pensamos a narrativa jornalística a partir dos jogos temporais em que o futuro se destaca quando consideramos a pré-figuração do fato a ser narrado. Até a mesmo a configuração que se dá no presente só se estabelece a partir de uma expectativa ou de um já foi, e, quando pensamos na refiguração pela audiência, é o passado que se destaca.

Analisando as notícias que anunciaram o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff e a primeira semana após este acontecimento, no jornal *O Globo*, podemos observar que as narrativas jornalísticas produzidas por aquele diário se caracterizam por uma particular relação com o tempo no qual destacamos o silenciamento do presente e a exacerbação de futuro. Ao lado do futuro como

---

<sup>5</sup> Não confundir presentismo com presente, nem entendê-lo como uma categoria que se opõe ao presente (HARTOG, 2015, p. 13).

<sup>6</sup> Hartog chama o futurismo de Marinetti de Futurismo presentista, por outro lado, destaca ainda uma espécie de presentismo futurizado que nessa visão se coloca como o espaço-tempo das realizações do progresso em que se imaginava a plena realização da humanidade. No presentismo futurizado religioso se vive eternamente em função de um futuro, no qual se encontra a salvação e a felicidade. “O presente nunca é o nosso fim: o passado e presente são nossos meios; somente o futuro é o nosso fim”. (HARTOG, 2015, p.143-144).

emblema, o passado também se faz presente nas narrativas, revelando o valor histórico que o jornalismo, enquanto fenômeno, se autoatribui, articulando momentos políticos semelhantes e estabelecendo novas fronteiras entre o futuro-presente e um passado caracterizado como tempo longínquo. Ressaltamos que a análise se dará de maneira pontual e tem como intuito facilitar a percepção das articulações narrativas impostas num texto que se caracteriza pelo que podemos denominar de desejo de futuro.

Em suma, nesse texto estamos tentando jogar uma luz sobre a questão da intencionalidade da primazia do presente na narrativa jornalística, visto estarmos vivenciando indícios de mudança na relação jornalismo x tempo, como abordaremos em nossa análise realizada a partir da hermenêutica heideggeriana em que as estruturas de pré-compreensão, compreensão e interpretação se apresentam como guias. A ideia é tentar compreender porque o futuro se institui cada vez mais como o tempo do jornalismo e, também, tentar desvendar os verdadeiros tempos dessa narrativa.

## O Fenômeno

É preciso aqui definir que pensamos a essência do fenômeno na esteira de Husserl e de Heidegger, citados por Gadamer (2007), ressaltando que, embora guardadas as distâncias entre ambos, vale para nosso atual exercício considerar que as duas conceituações funcionam como orientadoras. Assim, pensamos o fenômeno como algo que somente se revela completamente quando ocorre um necessário descobrimento do encoberto, uma revelação do que está escondido. E é, portanto, nesse sentido de inspiração heideggeriana que nos guiamos para verificar na essência do jornalismo os encobertos nos jogos do tempo que implicam em silenciamentos no campo da verdade.

Nossa hipótese tem como ponto de partida a intuição de que o regime de verdade apoia-se no de temporalidade para comprovar suas falas como discursos de verdade, pela força dos testemunhos indiretos e pela força de testemunha que os meios de comunicação, principalmente o jornalismo, possuem no meio social. Ou seja, o caráter testemunhal só pode se dar se houver presença/comparecimento, que, por sua vez, são espaciais, mas são, sobretudo, temporais. A credibilidade do discurso jornalístico, como construção social, cultural e mercadológica, no modelo moderno, depende do tempo em que se manifesta a configuração da narrativa.

O regime de verdade interliga-se diretamente ao da temporalidade que imperiosamente aparentava trabalhar no presente, não apenas porque do ponto de vista mercadológico afirmava vender o que estava acontecendo em *'real time'*, mas

porque a ilusão do tempo presente acrescentava credibilidade a uma fala como se as ações narradas ainda estivessem em curso e não situadas em um 'já foi'. Esta foi a configuração histórica de instauração do jornalismo enquanto instância legitimadora para narrar o mundo.

Esse ilusório jogo temporal, em que o jornalismo enquanto fenômeno possui força para temporalizar os seres sem essência, escondia também a verdadeira face de sua essência temporal que se funda, em nosso entender, no futuro, na atualidade, tão posta à venda como presente; no presente como lugar de aquisição da experiência na refiguração da narrativa; e no passado, quando as narrativas se colocam disponíveis para o movimento de uma nova prefiguração das ações. Vale aqui pensar com Heidegger (2012), para quem a atualidade é o que se busca no presente a partir do futuro, que, no entanto, ao se atualizar imediatamente morre e se transpõe para o passado; logo a atualidade nunca está no presente. No jornalismo, portanto, é o jogo temporal que atua como uma das constituintes do outro jogo, o jogo da verdade. Os efeitos de sentido começam no tempo e chegam até a narrativa, supostamente verdadeira.

O jornalismo refletia, assim, o paradigma do regime de historicidade da modernidade, onde o presentismo se instalou, reinou e, em certa medida, ainda reina, e no qual " [...] o presente tornou-se horizonte. Sem futuro e sem passado, ele produz diariamente o passado e o futuro de que sempre precisa, um dia após o outro, e valoriza o imediato" (HARTOG, 2015, p. 148). O jornalismo trabalha as narrativas e seus discursos a partir do presente, ainda que hoje, como mostraremos ainda no decorrer deste texto, silencie este presente em favor de um futuro que já se instalou. Procura com a proximidade temporal com o público e, cada vez mais, antecipando o futuro, estreitar os laços que credibilizam as ações narradas, fazendo acontecer na presença.

Vale, portanto, pensar o jornalismo como um fenômeno capaz de temporalizar a temporalidade dos demais que a ele recorrem em busca de informações, mas que, todavia, ao adotar a linguagem presentificada (mesmo quando o presente não está em cena) se coloca como uma sucessão permanente de agoras, comprimindo inclusive a proposição Aristoteliana em que a sucessão de agoras se coloca entre um "agora-ainda-não" e um "agora-não-mais", em que o tempo enquanto infinito faz o movimento do futuro para o interior do passado. A sucessão de agoras escolhida pelo jornalismo moderno retira do tempo o próprio tempo do jornalismo, quando consideramos a sua textualidade. Embora seja necessário reconhecer que a historicidade latente de determinados contextos expostos na narrativa jornalística tenha força para temporalizar a temporalidade de todo o texto que se coloque ao lado dele. E é, portanto, pela força do ser no mundo

que o jornalismo enquanto fenômeno escapa, eventualmente, do tempo vulgar. Entretanto, como lembra Heidegger (2015),

[...] o tempo é em si mesmo, tensionado e extenso. Todo agora, em seguida e outrora não tem apenas, cada um, uma data, mas são em si, tensionados e extensos [...]. Nenhum agora, nenhum momento do tempo pode ser pontualizado. Todo momento temporal é em si tensionado, por mais que o arco temporal seja variável. Ele varia entre outras coisas com aquilo que a cada vez o agora data. (HEIDEGGER, 2015, p. 383)

É fato que, embora o jornalismo trabalhe com esse agora disponível publicamente e que sabemos que existe e todos podem usá-lo, situa-se no nível da linguagem e da narrativa, entre um quase tempo vulgar (que, como dito, consegue escapar eventualmente pelas forças transformadoras às quais se alia para divulgar acontecimentos), mas não chega a um tempo autêntico<sup>7</sup>, pois enquanto série de agoras ele simplesmente se dá. Contudo, como lembra Heidegger, todo agora é tensionado e não ganha projeção somente por uma sucessão de agoras, visto que possui envergadura. Nesse sentido, não é a série de agoras que temporaliza uma temporalidade, ou seja, um agora que ganha amplitude e abrangência, mas é a própria tensionalidade do agora que o possibilita. Assim é que, ao nosso ver, o agora do jornalismo situa-se entre um agora-ainda-não e uma agora-não-mais, ou seja, em que o presente constante está invariavelmente encoberto.

## Tempo e Essência Temporal do Jornalismo

A essência do tempo é talvez um dos grandes temas a que se dedicaram vários pensadores. Santo Agostinho (2010, p. 52) já se perguntava sobre o que seria verdadeiramente o tempo e apontava para impressões que o levavam para uma aporia: “Se ninguém me perguntar, eu sei; se o quiser explicar a quem me fizer a pergunta, já não sei”. Em Ricoeur (2010, p.10-17), vamos compreender que a humanização do tempo só pode ocorrer através da interação que a narrativa provoca: “[...] a narrativa só se torna significativa na medida em que desenha as características da experiência temporal”. Essa metáfora remete ainda às possibilidades postas pelas diversas temporalidades que extrapolam a tridimensionalidade do tempo - passado, presente e futuro -, pois já em Agostinho, aponta Ricoeur, a essência do tempo é investigada, pois, “[...] o tempo não tem de ser, porque o futuro ainda não é, porque o passado já não é, e o presente não permanece”. Em outro momento, aprofunda Ricoeur (2012, p. 364) em Agostinho, “o presente do passado, é a memória; o presente do presente, é a visão (*contuitus*)

---

<sup>7</sup> O tempo autêntico se manifesta enquanto pensamento e tempo do ser autêntico (HEIDEGGER, 2015).

[teremos, mais adiante, *attentio*]; o presente do futuro é a expectativa", surgindo, em Agostinho, as possibilidades do passado como memória e experiência, e do futuro como expectativa, que, posteriormente, ganham projeção com Koselleck (2014).

Arendt (2014, p. 224-230) esclarece a lacuna entre o passado e o futuro: o agora é o mais escorregadio dos tempos modais, visto que quando o verbalizo ele já não é. Situado no *continuum*, o presente é portador da mudança que se move rumo ao futuro pela atualização que lhe traz a novidade, mas também, como alerta Heidegger (2015), a decadência e a morte ainda em vida, empurrando-o assim ao passado.

Heidegger (2015; 2012) trabalha o sentido de temporalidade e de sua íntima ligação com a historicidade, a partir da concepção do *Dasein* (ser-no-mundo), *Zuhandenheit* (ser-à-mão) e *Vorhandenheit* (estar-aí), diferenciando o primeiro pela consciência e conhecimento, sendo somente este o portador da historicidade e, portanto, da capacidade transformadora. O *Dasein* (o ser-no-mundo) é dotado de intratemporalidade e carrega a potência de temporalizar os demais, enquanto que os outros dois, enquanto seres sem consciência que são, só podem ser no presente, pois "anteriormente, eles não existiam ainda e depois já não existem". Em síntese, eles só podem existir a cada vez no presente e, portanto, compondo uma sucessão de agoras. Logo, segundo o autor, sem consciência não há como pensar no antes e no depois. Em nível de consciência, o passado chega pela memória e o futuro pela antecipação, mas essa consciência se dá em nível simultâneo no presente em que se está; o passado então um *Gewesenheit* (ser-ido), mas que ainda está; e o futuro enquanto possibilidade.

Nesse sentido, e pensando no jornalismo enquanto fenômeno, é que conseguimos visualizar que a primazia do presente em sua narrativa difere de sua própria expectativa possível, visto que procura a atualidade, a novidade; portanto, o tempo em que vivencia a temporalidade é o futuro, e quando o experimenta já é passado. A simultaneidade do presente é uma ilusão em sua narrativa.

Vale, no entanto, ressaltar que o jornalismo carrega a potência de temporalizar os contextos, dotando-os de uma dada temporalidade cuja extensão do presente pode ultrapassar o presente dos que o fazem, tanto do ponto de vista da compreensão e configuração das ações narradas, como do ponto de vista dos narradores. Como lembra Arendt (2014, p. 228) o *continuum* temporal relaciona-se com a continuidade de nossas vidas cotidianas no tempo vulgar e, diferentemente das atividades do ego pensante, independe das condições espaciais que o rodeiam. E é através da plausibilidade das atividades do cotidiano que desempenhamos, segundo a autora, que podemos pensar no tempo como espaço, como algo que se

encontra atrás de nós, ou à nossa frente. Portanto, o modelo de jornalismo contemporâneo, que aqui se instala e em certa medida se mantém, é o de um fenômeno que vigia o cotidiano.

Koselleck (2014), assim como Heidegger, e inspirado, em certa medida, em Agostinho, embora situado no ambiente da historiografia, também rompe com a tridimensionalidade temporal - passado, presente e futuro - e passa a compreender os tempos históricos a partir dos espaços de experiência e dos horizontes de expectativas, desvendando as formas de aquisição da experiência. Esse pensamento induz a repensar não só o fenômeno jornalístico, mas as formas de aquisição de experiência que o mesmo possibilita, tendo como expoente de possibilidades as sombras da essência visível, que passam para o campo do vivido em outra perspectiva. O jornalismo é um mediador e facilitador do processo de aquisição das experiências. Sua narrativa disponibiliza experiências que se colocam para aquisição por terceiros. No entanto, as experiências que divulga são trabalhadas por uma prática discursiva em que poder e ideologia a configuram, interferindo diretamente na luta pela construção da memória e logo da história.

Em outro prisma, e a partir de Ricoeur (2010), que trabalha com a noção de tempo histórico a partir de uma mediação entre o tempo vivido, da consciência, e o tempo universal – entre o tempo da alma de Agostinho e o tempo cosmológico –, podemos também ter em mente as possibilidades que uma análise da narrativa do jornalismo proporciona enquanto experiência temporal. Um simples exercício de visualidade tendo como foco os múltiplos movimentos do tempo possíveis de serem experienciados em sua narrativa pode apresentar possibilidades temporais para além do presente. O ciclo e as rupturas possíveis no tempo e na experiência que se estabelecem podem indicar que, desde a prefiguração da ação, passando pela configuração das ações narradas à refiguração pelo público, é possível perceber que o presente não é o tempo primevo do fenômeno. Visto que se considerarmos os movimentos da tríplice *mímesis* ricoeuriana agora descrita, perceberemos que as temporalidades não são estanques e não se situam em um presente contínuo, mas que se permitem reconhecer a partir dos tempos internos dos atores de cada etapa do ciclo, que dialogam com o tempo das ações que serão narradas.

Portanto, e no que concerne ao fenômeno jornalístico, o tempo, sobretudo o tempo de construção e de tessitura da narrativa jornalística, embora adote historicamente um discurso de presente e fale da ação dos corpos em seu tempo, não se situa em Cronos<sup>8</sup>, em um presente distendido, mas sim em Aion<sup>9</sup>, em presente comprimido, em que o *continuum* se coloca como sucessão de agoras

---

<sup>8</sup> Deus do tempo que a tudo devora (RÊGO, 2014).

<sup>9</sup> Deus do tempo do acontecimento, do eventual que na visão Deleuziana se aproxima de Kairós (RÊGO, 2014).

cotidianos, onde, eventualmente, rupturas se destacam como possibilidades de um por-vir que se estabelecem pela atualidade, morta pela própria experiência do viver, e que logo se coloca para o já-foi, muito embora ainda seja.

Nos jogos temporais, a atualidade no jornalismo esteve - e em certa medida está - muito relacionada ao caráter de novidade que seria uma imposição das novas sociedades cujas transformações informacionais/tecnológicas criaram a necessidade do novo, do porvir e, portanto, do futuro que se apresenta. Adiante abordaremos na análise esse ponto, em que veremos o futuro se apresentar como performance narrativa privilegiada do jornalismo, que para isso oblitera, cada vez mais, o presente. A novidade, definitivamente, se torna o futuro forçosamente presentificado.

De fato, o jornalismo tem inúmeros recursos para construir um sentido ou provocar um efeito de atualidade que pode vir pela novidade ou pela revelação, e isso compõe sua essência. Entretanto, nossa intenção aqui é abordar essa essência e, para tanto, pontuamos que a atualidade, seja ela provinda dos movimentos temporais do já foi ou do ainda não, se concretiza efetivamente em uma ação narrada que se configurou a partir de uma expectativa. Se algo silenciado é revelado, esse algo não se situa no campo jornalístico e em certa medida no social, no já foi, mas se põe em revelação em um ainda é, que só se transpõe imediatamente para o já foi após a revelação. Antes, enquanto expectativa de revelação de silenciamento, não se situava no passado como experiência, mas como hipótese e expectativa de algo que poderia se concretizar ou não. O tempo da narrativa concernente à revelação não se situará no passado enquanto memória, mas no presente de configuração que se fez possível por uma expectativa de revelação, situada, sobretudo, no futuro passado. Exemplos nesse sentido podem ser colhidos a partir das publicações de revelações feitas pela Comissão Nacional da Verdade (2012-2014) acerca dos crimes praticados pela ditadura civil-militar no Brasil.

Alguns pensadores do campo jornalístico enfatizam que a atualidade jornalística depende da referência temporal de presente, relacionando, ainda, a importância da marcação do presente a partir da cotidianidade, visto que o cotidiano tem a força de nos situar em nosso tempo, que ao final seria o tempo da vida. Todavia, tanto Heidegger (2012; 2015) como Arendt (2014) lembram que o cotidiano é o lugar do tempo não temporalizado, portanto, do tempo vulgar e, sendo o jornalismo um fenômeno com potência transformadora, não deve se prender a este, o que reforça a nossa hipótese de que somente o discurso jornalístico é presentificado, criando um efeito de sentido – embora seja válido lembrar que este presente se torna cada vez mais encoberto –, enquanto que suas

práticas e sua própria essência não o são. Na redação, procura-se pelo futuro, e na configuração da narrativa só se pode dizer o que acontece com algo que acontecerá em um futuro próximo, ou, que aconteceu em um passado recente. Como nos diz Arendt (2014), o *continuum* é o mais escorregadio dos tempos. No jornalismo, o seu uso, em nosso entendimento, é tão somente um efeito de sentido.

É válido também perceber que os jogos do tempo na construção do discurso jornalístico não param por aí. A primazia do evento focado na singularidade do acontecimento se interligava, até bem pouco tempo, exclusivamente à já dissertada opção pelo tempo presente, como também aos definidos critérios de noticiabilidade e valores notícia, ambos relacionados com a relevância dos acontecimentos sociais e históricos. Cada vez mais, entretanto, a procura é pelo futuro, não como expectativa, mas como projeção de um agora-mesmo claramente como um vir a ser, já sendo.

## Desejo de Futuro

Assim, o maior silêncio imposto ao jornalismo diz respeito ao presente. A temporalidade vislumbrada hoje nos jornais diários espelha não apenas a aceleração exponencial do tempo vivido na contemporaneidade, mas revela que a crise do jornalismo tradicional impresso está condicionada a uma nova apropriação temporal que emerge no cotidiano e que é diametralmente oposta à historicidade do paradigma moderno no tempo do jornalismo, um tempo que se caracterizava por um passado que se tornava presente absoluto no momento da publicação da notícia, como novidade, e que perdeu este sentido num mundo em que a atualização não cessa de perseguir os fatos do cotidiano.

Se o jornalismo impresso se instituiu como instância de divulgação da atualidade daquilo que se passava no mundo, caracterizado pelo seu caráter periódico, numa espécie de atualização que só se tornava passada pela publicação de novas atualizações no dia seguinte, hoje o presente parece definitivamente apartado de suas páginas. No seu lugar aparece um desejo intermitente de futuro. Se Matheus (2010) já identificava o lugar primordial que o passado possuía nas narrativas jornalísticas, ao mostrar a relação particular que estabelecia entre passado, presente e futuro, observa-se na atualidade a exacerbação de futuro como síntese das suas narrativas. Se, concordando com Matheus (2010), podemos dizer que a identidade narrativa do jornalismo mantém tão íntima relação com o tempo, de tal maneira que sua forma material primeira – o impresso – tem seu próprio nome derivado da duração (jornada), há que observar que a temporalidade desses impressos hoje possui uma relação peculiar com o futuro. Isso não quer

dizer que o passado tenha deixado de figurar nas suas páginas, mas, sem dúvida, o presente está sendo apartado de suas narrativas. Como exercício hermenêutico para identificar a temporalidade que emerge nas narrativas do jornalismo diário impresso, utilizaremos, a título de ilustração, as narrativas produzidas nas primeiras páginas do jornal *O Globo*, durante uma semana, a partir das quais procuraremos interpretar as articulações temporais do jornalismo, tendo como ponto inflexivo a edição que antecipa o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff. A partir da edição de 31 de agosto de 2016, analisaremos o mesmo periódico durante uma semana procurando identificar as tessituras do tempo que emergem das suas narrativas<sup>10</sup>.

Nessa semana síntese, o que se destaca na formulação textual é o que estamos identificando como desejo de futuro, no qual a notícia antecipa o que está ainda por acontecer. Nas manchetes, essa condicionante textual, antecipando fatos ainda não ocorridos, aparece de forma emblemática, como pode ser observado no quadro abaixo.

TABELA 1  
**Manchetes de O Globo – 31 agosto a 7 setembro de 2016**

Data	Manchete
31 de agosto	Em dia histórico, país deverá ter hoje impeachment e duas posses
1º. de setembro	Dilma está fora. E agora, Temer?
2 de setembro	Depois do impeachment aliados de Temer recorrem para tornar Dilma inelegível  Ex-presidente também apela ao STF, mas para anular julgamento
3 de setembro	Governo pretende propor mudança de regras no FGTS
4 de setembro	'Temer tem que ter uma DR com o PMDB '  Tucano admite insatisfação e diz que pode deixar de apoiar o governo
5 de setembro	Gasto com servidores dispara nos municípios
6 de setembro	Justiça bloqueia R\$ 8 bi de suspeitos de desvios
7 de setembro	Cassação de Cunha já tem 231 votos favoráveis

Fonte: *O Globo*, 31 de agosto a 7 de setembro de 2016, p. 1.

<sup>10</sup> Ressaltamos que não tivemos a intenção de fazer uma análise minimamente profunda das narrativas em torno da questão do *impeachment* da presidente Dilma Rousseff, ressaltando a existência de diversos estudos sobre o tema. Para registro sobre pesquisas que aprofundam a temática cf. Rizzotto, Prudencio e Sampaio (2017). No artigo, os autores apresentam o resultado preliminar de uma pesquisa que analisa as notícias sobre o *impeachment* de Dilma Rousseff, composta por 187 notícias do jornal *O Globo* e 131 da *Folha de S. Paulo*. Sobre a mesma temática cf. também Becker, César, Gallas e Weber (2016).

Na manchete em que anuncia o provável *impeachment* da presidente, em 31 de agosto, o jornal chega mesmo a utilizar, no título, o verbo no futuro. Antecipando o que ainda está por acontecer, publica uma expectativa de notícia, já que o acontecimento é presumido como futuro possível. A atualidade que se funda na expectativa já é dada como um já foi, embora ainda não seja.

No dia seguinte, mais uma vez o desejo de futuro se faz presente na narrativa, ao lado da realização do que já passou. Se Dilma já está fora, resta ao periódico anunciar um futuro provável para o agora presidente expresso na frase interrogativa: “E agora, Temer?”. Aqui a expectativa se mantém como ilusão a ser decifrada diante da experiência consumada.

No dia 3 de setembro, com a mesma estratégia narrativa apelando para uma possibilidade, a manchete anuncia que o “Governo pretende propor mudança de regras no FGTS”. Portanto, das oito manchetes produzidas, apenas duas se referem a acontecimentos que podem ser considerados como tendo se realizado num passado tornado presente pelas articulações narrativas do jornal diário. Todas as outras se referem a um porvir.

Apenas a título de ilustração, visualizamos também a edição de 29 de dezembro de 1992, que também anunciava a expectativa de cassação do mandato do ex-presidente Fernando Collor de Melo. A mesma expectativa de futuro estava presente no cerne da notícia, mas a formulação narrativa era diametralmente oposta àquela apresentada em relação aos acontecimentos que anteviam a retirada do poder da presidente Dilma Rousseff. Na edição de 1992, *O Globo* estampava como manchete: “Senado cassa hoje o mandato de Collor”. Naquela contextualidade, o movimento temporal da narrativa se move em sentido contrário ao de 2016. Em 1992, a dimensão do presente se impunha imperiosa sobre uma ação que decorreria ao longo do dia e que ainda era expectativa, mas já dada como certeza pela narrativa presentificada.

Se em 2016 o verbo no futuro inclui uma temporalidade estendida em direção a um porvir que substitui definitivamente o presente, em 1992 o verbo no presente indicava a temporalidade fundamental do jornalismo impresso, que formulava obrigatoriamente o passado e o futuro como presentes, numa relação temporal cuja marca era, sem dúvida, a presentificação do tempo. Na primeira página, como era habitual no jornalismo impresso, os verbos indicavam a supremacia do presente como temporalidade fundamental do jornalismo.

Na matéria que acompanhava a manchete, tal como na que antecipava o resultado do julgamento do Senado em favor do *impeachment*, o destaque era para o fato de o jornal estar narrando algo que ficaria na história e para a história.

Num julgamento inédito na História do Brasil, o Senado deve cassar hoje, por crime de responsabilidade, o mandato do presidente afastado Fernando Collor, eleito em 1989 com 35 milhões de votos. Até ontem à noite, Collor só contabilizava cinco votos favoráveis entre os 81 senadores. A sessão começa às 9 h e pode entrar pela noite.

Ontem, o ministro Sepúlveda Pertence, de plantão no Supremo Tribunal Federal, derrubou a última tentativa jurídica de Collor para adiar a sessão: negou a liminar através da qual o presidente afastado pedia mais 30 dias de prazo para a defesa. Ao mesmo tempo, Pertence autorizou o novo advogado de Collor, José de Moura Rocha, a representar o réu no julgamento (*O Globo*, 29 de dezembro de 1992, p. 1. Grifos nossos).

Foi dessa forma que *O Globo* anunciou em sua primeira página o julgamento pelo Senado do presidente Collor. Na narrativa, observamos de um lado a ênfase no acontecimento já tornado histórico naquele presente, estratégia também utilizada em 2016 e, de outro, a marca do passado e do presente se embaralhando no texto. Se a cassação era apresentada como uma possibilidade em 1992, todo o restante da chamada fazia referência a um passado próximo ou distante. Ontem, quando se contava os votos favoráveis e desfavoráveis, ou a um tempo ainda mais longínquo, quando o jornal relembra a expressiva votação do presidente afastado.

Na notícia de 2016, não há pudor em silenciar o presente em favor do futuro.

O Brasil viverá hoje um dia histórico, com a provável aprovação do impeachment da presidente afastada, Dilma Rousseff, que porá fim a 13 anos do PT no comando do país, e a efetivação e pose do presidente interino, Michel Temer (PMDB). Nesse caso, Temer embarcará no fim do dia para a China, onde participará da cúpula do G-20, transmitindo o cargo interinamente para o presidente da Câmara, Rodrigo Maia (DEM). No mesmo dia, portanto, o país poderá ter três presidentes. Ontem, Dilma ficou mais perto da queda com a indicação de que senadores indecisos devem votar pró-impeachment, como o ex-presidente Collor, que viveu a mesma situação há quase 24 anos. O presidente do STF, Ricardo Lewandowski, marcou o início da sessão de votação para as 11 h. São necessários 54 votos para o afastamento. Caso o impeachment seja aprovado, Dilma terá de deixar o Palácio da Alvorada, mas manterá benefícios como carro com motorista e segurança (*O Globo*, 31 de agosto de 2016. Grifos nossos).

Os verbos no futuro - algo impensável nos manuais redacionais em voga nas redações da década de 1990, nos quais a obrigatoriedade do uso do passado/presente era a regra vigente - abundam no texto. Na chamada de primeira página, eles aparecem seis vezes. Se o presente está contundentemente encoberto, o passado é utilizado para dar sentido histórico ao texto, anunciando o jornal como portador, mais uma vez, de um acontecimento que seria construído para a história. Ao lembrar que Collor teria vivido a mesma situação há 24 anos, o jornal articula o passado com o futuro, saltando o tempo presente. A relação entre a expectativa e a experiência se revela na narrativa.

Na edição do dia seguinte, o futuro como narrativa privilegiada do jornalismo aparece ainda de forma mais exponencial. Ao construir um texto com o claro intuito de alinhar as propostas – mostradas como redentoras – do novo presidente, após a manchete “Dilma está fora. E agora, Temer?”, impressa em letras garrafais, apresentam uma espécie de programa do governo Temer, em que só existe o presente como futuro:

Aprovar o ajuste fiscal e as reformas da Previdência e trabalhista;  
Reduzir o desemprego, atrair investimentos e destravar concessões;  
Enfrentar no Congresso e nas ruas a oposição anunciada por Dilma;  
Cumprir a promessa de não interferir no caso Eduardo Cunha;  
Apoiar a Lava-Jato e rechaçar ações que atrapalhem investigações;  
Administrar a divisão no PMDB e pacificar a relação com PSDB e DEM (*O Globo*, 1 de setembro de 2016, p. 1).

Dois dias depois, as propostas do novo governo são apresentadas pelo jornal como a única saída para o cenário econômico e político do país, divulgando, assim, ao extremo todas as ações futuras pretendidas pelo novo presidente e ignorando as manifestações contra a ação golpista em curso. Novamente as expectativas de um por vir são apresentadas não como possibilidades, mas como certeza de um futuro. As chamadas da primeira página continuam acreditando no futuro. E com a crença, a temporalização da narrativa destaca as possibilidades e as promessas como ações efetivas: “Governo pretende propor mudança de regras no FGTS” e “Fazenda quer usar Fundo também para financiar seguro-desemprego”, alinham-se. Na sequência, enfatizam as ações diplomáticas do agora presidente, que na China buscava novos negócios (“País busca negócios na China”). Esses três títulos carregam, em si mesmos, isso que estamos denominando desejo de futuro. São expectativas, promessas, possibilidades, apresentadas como verdades absolutas (*O Globo*, 3 de setembro de 2016, p. 1).

Somente no dia 5 de setembro o jornal faz as primeiras menções às manifestações que tomavam conta do país, contra o novo governo. Uma foto da Av. Paulista vista de cima e tomada por manifestantes era complementada pela legenda “Protestos contra impeachment”. Na chamada que complementava o título, o jornal acionava a discursividade tradicional do jornalismo – o passado – apresentando o efeito testemunha, no qual o uso do tempo verbal torna-se indispensável. “Manifestantes de “Fora Temer” tomaram ontem parte da Avenida Paulista, e o fim do protesto voltou a ter vandalismo de pequenos grupos. Também houve atos no Rio, em Curitiba e Salvador” (*O Globo*, 5 de setembro de 2016, p. 1).

## Considerações Finais

Procuramos mostrar como, cada vez mais, a temporalização narrativa do jornalismo espelha um crescente silenciamento do presente em favor de um futuro, não como expectativa, mas tornado essência do tempo como um *continuum*. No mesmo movimento, quando deseja acionar o critério de verdade como essência da atividade jornalística, o jornal evoca o efeito testemunho e, para isso, reinstaura a temporalidade primordial do jornalismo, ou seja, o passado próximo como presente.

Assim, o tempo instaurado pelas narrativas atuais de um jornalismo impresso e diário em crise indica o futuro como instância privilegiada de sua narrativa. O futuro torna-se o tempo do jornalismo, não apenas pela pré-figuração, essencial na sua formulação narrativa que figura um mundo pré-existente no futuro; e na reconfiguração, quando também a audiência recebe o passado como futuro e no futuro; mas cada vez mais na própria figuração de sua narrativa.

Ao procurar uma atualidade que não cessa de estar em cena, tornando a novidade inexistente, passa a espelhar claramente nas suas tramas textuais a exacerbação desse futuro, até então apenas experimentado como um passado presentificado. O movimento que observamos na contemporaneidade configura-se pelo que estamos denominando claro desejo de futuro, que transforma as textualidades jornalísticas, que passam a encobrir os acontecimentos do agora-mesmo.

Por outro lado, essa exacerbação do futuro não oblitera o passado. Tendo como cerne uma prática discursiva em que poder e ideologia se configuram, lutam pela construção de uma memória duradoura, a ser reconfigurada num futuro, ainda mais longínquo, como história. Essa relação se coloca de modo divergente da anterior entre presente e futuro *versus* passado, em que presentismo e futurismo se colocavam como antagonistas do passado, desejando um rompimento e até apagar o passado (HARTOG, 2015).

Há que se considerar que esse desejo de futuro, que se impõe como real e não como expectativa possível, procura preservar a relação entre os regimes de temporalidade e de verdade no jornalismo, como estratégia de manutenção da constituição da credibilidade da instituição, logo como necessidade de aproximação e convencimento de públicos, portanto, necessidade mercadológica. A antecipação das verdades em narrativas que se projetam pela opção pelos verbos no futuro revela o tempo real da narrativa jornalística, não mais visível em um presente assim construído de modo forjado, mas em um futuro presentificado, que todavia mantém um efeito de sentido em um *continuum*, que, em realidade encoberto, apenas carrega a "semblância" de presente. Nessa presentificação constante do

futuro, o por vir de um futuro passado é a certeza vendida no presente que procura dar garantias e tranquilizar as sociedades, em notícias sobre *projeções* políticas que se refletem no processo econômico, por exemplo.

Nesse sentido, acreditamos ser válido trazer rapidamente Hartog (2015) e suas proposições para se pensar as experiências do tempo, principalmente quando propõe o presentismo enquanto um " [...] horizonte aberto ou fechado: aberto para cada vez mais aceleração e mobilidade, fechado para uma sobrevivência diária e um presente estagnante". Para Hartog, uma característica que se destaca em nosso presente no século XXI é a percepção de um futuro não mais como promessa, mas como ameaça.

Entre presentismo e futurismo, enquanto paradigmas temporais do regime de historicidade da modernidade, e o futuro presentificado que estamos, de certa forma, vivenciando, pelo menos no jornalismo, como procuramos mostrar em nossa análise, há tantos desencontros quanto encontros. Se antes o presente invadia o horizonte e se colocava de certa forma inchado, para usarmos uma nomenclatura de Hartog (2015), e o futuro se colocava como desejo de perfeição a ser alcançado pelo capital e pela tecnologia, hoje, quando as promessas da modernidade não se cumpriram, provocando desilusão na humanidade, o futuro passa a ser visto e utilizado não mais como promessa, mas como realização. Essa intenção de futuro presentificado carrega a intencionalidade similar à de um fiador que se responsabiliza no futuro pela transformação do presente.

Por outro lado, podemos dizer que a experiência presentista ainda encontra no jornalismo o seu lugar nessa nova relação temporal, visto que suprime o presente em si e garante o que Hartog (2015) denomina de amnésia instantânea. O desejo de futuro que ora se manifesta no jornalismo subverte a ordem do tempo em sua narrativa tradicional, sobrepondo o presente, por um lado, ao passo que, por outro, se lança ao passado, procurando por novo futuro. A intencionalidade de amnésia coletiva se manifesta pontualmente em algumas narrativas, não somente através da velocidade das narrativas prefiguradas a partir de expectativas e não de fatos, mas também na busca por outras narrativas que vão se sobrepor umas às outras, em um movimento contumaz de configuração de novas textualidades que passam a agendar público e mídia. *Por que Dilma Rousseff foi afastada de seu governo?* Essa temática se põe como um exemplo de intencionalidade amnésica coletiva, sobreposta imediatamente pelos desafios que a mídia passa a cobrar do novo governante.

Por fim, é válido, portanto, pensar que a estruturação da essência do jornalismo forjado no limiar de uma modernidade inicial entre os séculos XIX e XX, como instituição constituidora desse regime de historicidade (moderno) –

considerado aqui no sentido de Hartog (2015) –, e que tinha entre os seus principais pilares a construção da verdade a partir do tempo da narrativa, apresenta no século XXI indícios de mudanças que implicam em novas relações temporais que continuam a se apresentar através das articulações com as narrativas, mas que ainda assim, e a partir de uma busca pelo futuro, procura se manter em um lugar de fala destacável do vulgar.

## Referências

- ANTUNES, Elton. **Videntes imprevidentes**. Temporalidade e modos de construção de sentido de atualidade em jornais impressos diários. Doutorado em Comunicação, UFBA, 2007.
- ARENDDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- BARBOSA, Marialva. Comunicação e história: presente e passado em atos narrativos. **Comunicação, Mídia e Consumo**. São Paulo, v.6, p.11 - 27, 2009.
- BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa, 1900-2000**. Rio de Janeiro: MauadX, 2007.
- BARBOSA, Marialva. Tempo, tempo histórico e tempo midiático, interrelações. In: Musse, Christina Ferraz; Vargas, Herom; Nicolau, Marcos (org). **Comunicação, Mídias e Temporalidades**. Salvador: EDUFBA, 2017.
- BECKER, C; CÉSAR, C. M; GALLAS, D.; WEBER, M.H. Manifestações e votos sobre impeachment de Dilma Rousseff na primeira página de jornais brasileiros. **ALAIC – Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**. V. 13, n. 24, 2016, p. 96-113.
- BERGAMO, Alexandre. Reportagem, memória e história no jornalismo brasileiro. In: **Mana**, n. 17, vol. 2, p. 233-269, 2011.
- DILMA está fora. E agora Temer? **O Globo**, 01 setembro 2016.
- EM DIA histórico, país deverá ter hoje impeachment e duas posses. **O Globo**, 31 agosto 2016.
- FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A fabricação do presente**. Como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais. São Cristóvão: Editora UFS. Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2005.
- GADAMER, Hans-Georg. **Hermenêutica em retrospectiva**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- GOVERNO pretende propor mudança de regras no FGTS. **O Globo**, 03 setembro 2016.
- HARTOG, François. **Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- HABERMAS, Jürgen. **Mudança Estrutural da esfera pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984,
- HEIDEGGER, Martin. **Os problemas fundamentais da fenomenologia**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 2015.
- KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo**. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC, 2014.

MATHEUS, Leticia Cantarela. **Comunicação, tempo, história**. Tecendo o cotidiano em fios jornalísticos. Tese Doutorado em Comunicação, UFF, 2010.

MORAES, Vaniucha de. **A elite dos jornalistas brasileiros**. Estratégias de legitimação e simbolização entre o período ditatorial e os anos pós-redemocratização. Florianópolis, Tese de Doutorado em Sociologia e Ciência Política, UFSC, 2017.

PROTESTOS contra impeachment. **O Globo**, 05 setembro 2016.

RÊGO, Ana Regina. Jornalismo: temporalidades, ética e memória. In: RÊGO, Ana Regina; QUEIROZ, Teresinha e MIRANDA, Marcela (Orgs.). **Narrativas do jornalismo e narrativas da história**. Porto-Portugal: Mídia XXI, 2014.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **A história do seu tempo**. A imprensa e a produção do sentido histórico. Dissertação de mestrado em Comunicação. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 1995.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Imprensa e história no Rio de Janeiro dos anos 50**. Rio de Janeiro: E-papers, 2007.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**, v. 1. Campinas: Papirus, 1994.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v.1, 2, 3. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2010.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas-SP: Ed. UNICAMP, 2012.

RICOEUR, Paul. **Ser, essência e substância em Platão e Aristóteles**. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2014.

RIZZOTTO, Carla; PRUDENCIO, Kelly; SAMPAIO, Rafael. Tudo Normal: a despolitização no enquadramento multimodal da cobertura do impeachment de Dilma Rousseff. **Comunicação e Sociedade**. São Bernardo do Campo, v. 39, n. 3, p. 111-130, set/dez. 2017.

SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. Petrópolis: Vozes, 2010.

VOTOS de Collor se contam nos dedos. **O Globo**, 29 dezembro 1992.